

# CONTEM PORANEIA

1.º SUPLEMENTO

Fundador, director e editor: José Pacheco

Propriedade: Edições Contemporaneas  
Composto e impresso na Imp. Libanio da Silva



Armando de Basto



Mário de Sá Carneiro



Afonso de Bragança



Amadeu de Sousa Cardoso



Manuel Jardim



Santa Rita Pintor



Ponce de Leão



Carlos Franco

## Os Mortos da Geração Nova



luta da geração nova contra o meio incompreensivo e hostil tem sido amarga e dolorosa. E' uma luta assinalada já por mortes e suicídios — pelo drama violento da persistencia heroica, que ainda aqui nos volta a reunir, e das subitas quedas dos que o destino ambiente matou.

Os mortos da geração nova foram assassinados pelo meio hostil, pelos triunfadores da literatura barata, pelos burocraticos

que de dentro das situações officiaes fecham a porta ao

Não acusámos o destino, porque da sua excessiva tortura surgirá a maior força da geração. Mas acusámos os que pessoalmente colaboraram na nossa dor e no assassinato dos nossos irmãos. Acusámos, sobre tudo, os que tinham o dever de auxiliar a eclosão do grande periodo de esplendor português, que é o nosso, o da nossa geração, e, ao contrario, a ele se opposeram tenazmente. Acusámos os que se serviram das situações literarias adquiridas para lançarem sobre os novos do momento revolucionario do «Orfeu» a sapaeta de desequilibrio.

Acusámos os velhos, que por espirito de defesa bruta, vedaram todas as situações aos novos — e a alguns negaram o pão, levando-os á morte. Acusámos o ambiente social que não encuraja os valores, que, ao contrario, tenta escorraça-los, amesquilha-los — ou mata-los pela asfixia lenta.

Hoje que começámos a congregar-nos e a tomar consciéncia do nosso valor, e do nosso dever, cumpre-nos lembrar com saudade e reconhecimento os mortos da geração nova — os nossos mortos.

### Mário de Sá Carneiro

Mário de Sá Carneiro foi um dos mais altos criadores do momento revolucionario da geração nova. O seu espirito parece ter sido criado de proposito para o seu destino de renovador, de revolucionario, de adaptador extremamente sensível das mais modernas correntes literarias. A uma intelligéncia e sensibilidade imensas juntava uma cultura e um espirito de assimilação excepcionais. Poeta renovador de ritmos e sobre tudo de atitudes sensíveis ante a vida e as coisas, de uma sensibilidade ingenua e doce, quasi menineira; prosador que modificou a estrutura da prosa; grande e perfeito novelista, analisador de psicologias.

Levaram-no ao suicidio, mas não á falencia do seu sonho de renovação e beleza. Porque da sua vida ficam um belo livro de poemas e algumas das melhores novelas da literatura portuguesa.

E esta nobre alma de revolucionario, de renovador, de poeta criador, foi torturada e troçada, até que procurou na morte o sono, o sono completo e infindavel, pelo suicidio.

### Guilherme de Santa Rita

Espirito brilhante, espirito scintillante, puro espirito. A sua obra na geração nova foi realizada pela sua presença, pela sua forte acção pessoal. Não deixou uma obra material porque da época revolucionada, desagregada, toda teoria abstracta, que foi a sua — a época do «Orfeu» — ele foi um dos mais apaixonados combatentes. Accionou pelo espirito, pela graça e pela intelligéncia — não teve tempo de fazer uma obra material. Ha épocas assim, de tal violencia na renovação espirital que sacrificam alguns dos seus melhores valores. Mas nenhum novo deixará de lembrar a figura de Santa Rita Pintor, a sua intelligéncia e a sua acção sobre a psicologia da geração nova.

«Não é um pintor é um pedaço de arte» disse-se d'ele.

### Amadeu de Sousa Cardoso

Amadeu de Sousa Cardoso pertenceu ao grupo dos mais avançados teóricos da arte, pintores e poetas, do Paris. Ao grupo de Picasso, de Guillaume Apollinaire. O seu Album é ainda hoje considerado em Paris como uma das obras funda-

mentais desse momento. A morte não o deixou aproveitar todas as suas grandes qualidades numa obra de novo equilibrio. Mas ficará como um dos mais activos demolidores e renovadores da nossa mentalidade artistica.

### Manuel Jardim

Foi um pintor que, sobre tudo, marcou pela clareza da sua intelligéncia pictural. Não tem talvez nos seus quadros a intuição criadora. O seu poder de critico, de analisador instintivo das tendências picturais, a maneira quasi analitica como pintava, fazem de Manuel Jardim um dos mais caracteristicos pintores da nova geração.

Os seus quadros são belas análises inteligentes, interpretações novas de atitudes picturais.

### Afonso de Bragança

Afonso de Bragança é dos sacrificados da geração nova, um dos que mais sacrificados foi. A sua vida e a sua morte são um lento drama de desenganço que ele suportou sorrindo e fazendo astuciosos. A sua linha de graça e de perfeita elegancia mental nunca se quebrou. Afonso de Bragança veio acrescentar a sua acção á de Mário de Sá Carneiro na transformação da prosa portuguesa, á modernização.

Foi um curioso observador das coisas minimas da vida, o que lhe dava uma attitude de aparente humorismo — um humorismo, enternecido. Enriqueceu a prosa com imagens imprevistas, simples na sua verdade. Nem a vida, nem o tempo o deixaram criar um livro. Deixou apenas pedaços isolados de prosa, de uma grande novidade de expressão. Lembremos, tambem, que o artigo que apresentava a primeira serie da «Contemporanea» foi escrito por ele e definiu bem esse momento de transição entre o periodo revolucionario e o periodo criador de hoje.

### Armando Basto

Pintor instintivo, com todas as qualidades e defeitos de um instinto poderoso que domina o equilibrio da vida. Armando Basto tinha o instinto da materia pictural. Foi legendal, incerto, diverso, nos seus quadros, porque era a propria materia pictural que arrastava o seu instinto para aquele feitiço. Não é um defeito para aqueles que começam a hesitação, a diversidade, a acceitação de influéncias estranhas. Armando Basto era um grande e instintivo adaptador de qualidades picturais. Deixa como Manuel Jardim uma obra dispersa e que como a daquêle só em conjunto, depois de reunida, poderia ser analisada com verdade.

O destino perseguiu-o de todas as maneiras e levou-o á

## PRESIDENTE DA REPUBLICA



A Constituição tem o maior prazer em saudar em São Paulo o senhor Presidente da Republica um coltiva, um artista e um espirito culto e moderno. Lembremos com alegria que São Paulo pertenceu a um maior destino de nova, de renovação em arte, que se agruparam em torno de Filipe de Almeida. Não sua obra literaria mereceu São Paulo a admiração dos mais que não repetiu o mesmo gesto de livre e nova actividade moral e artistica que os sacrificados, os fallidos da geração nova agradecerão ao povo de São Paulo.

morte, como a tantos outros, antes mesmo daquella idade em que a capacidade criadora é perfeita.

### Angelo de Lima

Nos sacrificados da geração nova há os que foram assassinados pela fome, os que foram assassinados pelo desprêzo, e os que foram assassinados pela loucura. Angelo de Lima foi assassinado assim, pela depressão nervosa, pela dor mental, com que o levaram a um manicómio e ali arrastaram a sua agonia até ao socêgo da morte.

Já internado no hospital ainda publicou no «Orfeu» alguns poemas em que há algumas, raras mas fortes, notas de beleza. A sua tortura de lento enlouquecimento disse-a num soneto que é dos grandes sonetos da lingua portuguesa. A sua obra desapareceu ou dispersou-se inteiramente.

### Ponce de Leão

Embora não pertencesse ás correntes modernistas, agitadas, revolucionarias, acompanhou sempre no combate os mais futuristas da geração nova. E acompanhou-os naturalmente, instintivamente, porque no teatro português de então o seu espirito de dramaturgo era realmente revolucionario. Ponce de Leão foi um dos novos dominados pelo prestigio ibseniano e pela directa influencia dos «Espectros» que criou a peça de texto médica, de patologia, de fatalidade fisica dominando o individuo. Desta fase influenciada, mas sem mesquinhez, fase preparatoria de algum que poderia vir a ser um grande dramaturgo, há ainda ineditas muitas peças além de uma publicada. Impedido de triunfar na vida pelo meio inimigo que se fechou ás suas representações, continúa a ser hostilizado na morte. Os seus originaes que poderiam marcar uma interessante fase de transição do teatro português, estão talvez perdidos.

### Eduardo Metzener

É um lirico de intimo romantismo cuja alma se relevava capaz de colaborar na nova geração.

Marca curiosamente o momento de excesso sentimental que dominou o nosso espirito literario.

Alguns dos livros de Eduardo Metzener poderão por isso, ficar como a melhor marcação desse momento.

### Carlos Franco

Mário de Sá Carneiro foi de todos os mortos da geração nova o que mais marcou pela sua obra — Carlos Franco o que de todos eles mais marcou pela sua attitude consciente de sacrificio e de belo morrer. Espirito de uma intuição assombrosa. Espirito sempre insatisfeito. E a característica fundamental dos momentos de renovação intensificada, revolucionaria, é esta insatisfação que leva a destruir toda a obra e que leva portim á morte. Carlos Franco atravessou um momento Paris, improvisou-se por genial intuição pintor scenográfico e com tal capacidade, que colaborou com Bailly, o grande scenógrafo da Opera. Mas a insatisfação de criar não o deixava.

Vem a guerra e Carlos Franco, que era fundamente disciplinado e anti-militar, vai morrer na guerra como um heroi. Vai morrer por insatisfação, por heroismo, por incapacidade de suportar a volta ao meio estúpido que o expulsara. Antes de morrer escreveu: — «sabes como sou anti-militar, mas prefiro morrer de uma bala alemã, a morrer de tédio na minha terra» — Morreu, suicidando-se em espirito, com suprema beleza. Na sua mochila de soldado foram encontrados o «Orfeu» e a «Confissão de Lúcio» de Mário de Sá Carneiro.

### Júlio de Vilhena

Foi como Afonso de Bragança um jornalista atirado para a vida e nas suas dificuldades e dores construindo uma nova interpretação das coisas e um novo estilo.

Foi um dos que pela sua afirmação constante de modernismo e de independéncia mental ajudou a criar o ambiente em que triunfou a nova concepção da Arte.

### António Lima Fragoso

Entre os varios modernistas aniquilados antes de realizada a sua obra definitiva e levados pela morte tambem figura o grande temperamento do músico de António Lima Fragoso.

Foi ele um dos primeiros portugueses a tentar a criação de uma música moderna, nova, liberta da opressão de escolas alheias cuja hegemonia camagava as nossas tendências musicais.

No movimento musical de amanhã o seu nome será certamente lembrado como mereço.



# O TRIUNFO DOS NOVOS



Não aceitar a evolução inevitável que representamos é combater a única força invencível: — a força generosa da nossa idade.

Das gerações dominantes às gerações novas deve passar-se por uma sucessiva e graduada ligação, baseada no carinho fraternal e na aliança da experimentada sabedoria com a juvenil e generosa impulsividade. Tal combinação torna possível aos detentores das posições sociais assegurar-se, não só a comunicabilidade com os imediatamente vindouros, mas até e sobretudo, uma expressão real para a própria vida.

Em Portugal, porém, há uma oposição absoluta entre uns e outros; mais do que oposição, porque são diferentes, pensam, conduzem-se e pretendem modalidades independentes dentro dos mesmos campos.

As novas gerações têm que lutar contra os barbaros; os barbaros, no sentido próprio, que falam a nossos ouvidos palavras incompreensíveis de auto-civilização. Aqui, não há nem conflitos de raças, nem de processos, nem de princípios; há apenas um lamentável conflito de linguagens. E dado que nós, os novos, não podemos falar outra língua, tem de ser os outros quem há-de fazer o esforço de adaptação. O futuro pertence-nos e é a única justiça do presente.

Esta diferença constitucional leva os novos ao desinteresse por tudo que não seja deles; e os outros, primeiro, à indignação pelo inesperado e inverosímil, depois, ao ódio pela persistente posição de quem se lhes opoz.

Procuramos por nossas mãos lançar, senão as bases da ordem nova, pelo menos as bases de uma confraria compatível com a nossa vida espiritual e moral, que torne possível amanhã essa ordem por que nos batemos.

Vivamos longe de vaidades e integramentos superiores às ambições comuns.

Tenhamos o culto da competência e sejamos intransigentes. Já é tempo de separar o trigo do joio. Acabamos com os espantalhos que a nossa piedade tem consentido, tolerando os momos com que eles se justificam.

Confiamos no nosso destino, na missão que necessariamente tem de ser desempenhada por nós, na renovação da vida.

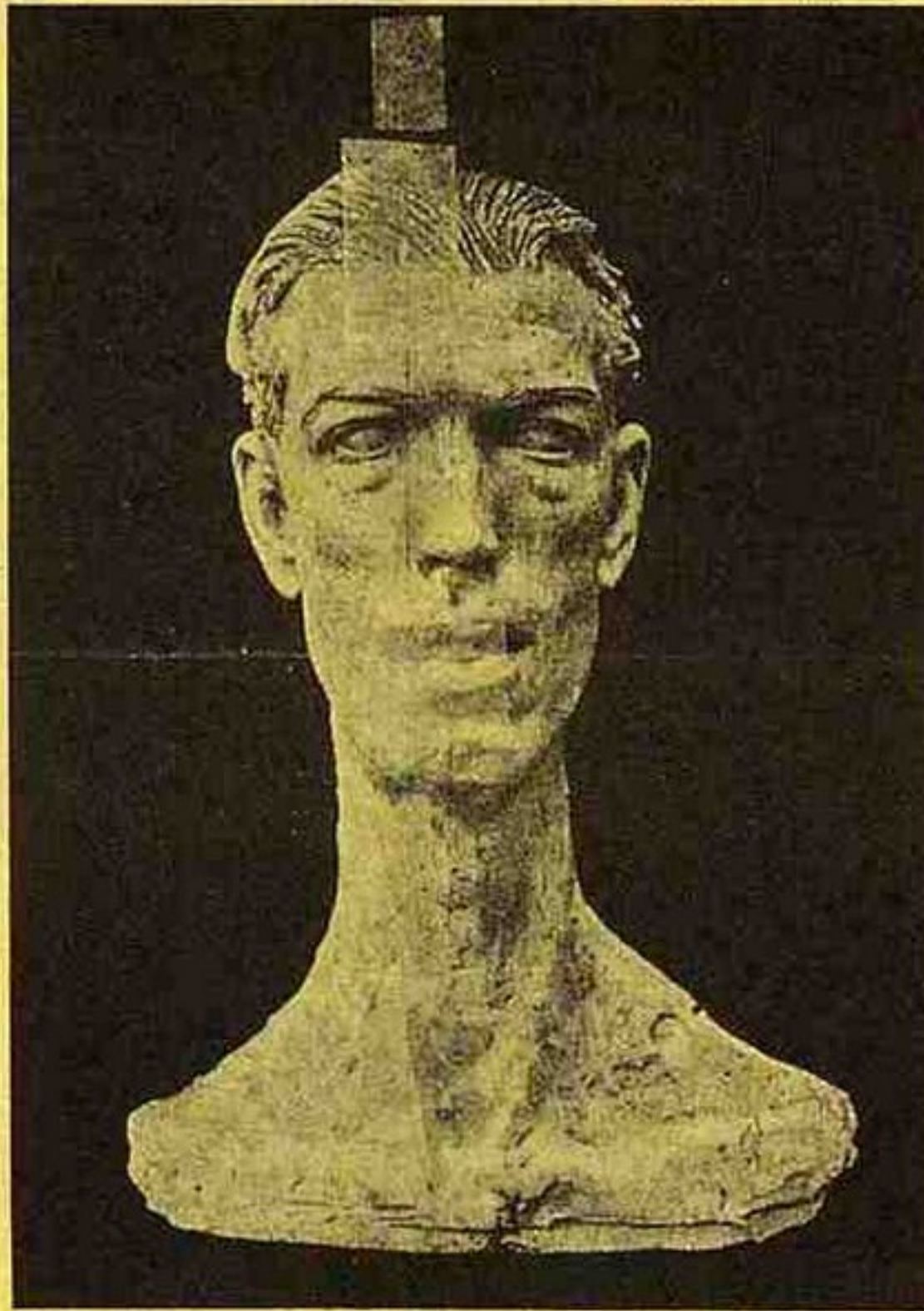
Sejam singularmente pessoais nesta ansia ilimitada de servir a colectividade que sonhamos e que, sem ser vista concretamente no tempo, a fé torna possível.

Mesmo que a razão portuguesa seja dentro da vida de alguns uma razão política, de ambiente, apenas o lugar-temporal da sua vida, tomemo-la como a única capaz de nos juntar.

Vivemos no horborinho dos desordenados. É fácil é aos outros, aos que nos detestam por sentir que o nosso triunfo, a nossa simples presença, é a ruína deles, fazer da nossa desorganização o pretexto do combate que nos movem.

O período essencialmente difícil, para nós, é este intermediário, em que jogamos a própria vida.

É preciso uma energia excepcional para vencer; é preciso



FRANCISCO FRANCO  
Busto de Manuel Jorda

a heroicidade inglória dos pequenos triunfos, das vitórias íntimas e recolhidas, que o são apenas para nós, por constituírem sucessivas realizações dentro do caminho firmemente traçado. Após a dureza das primeiras campanhas virá inevitavelmente o nosso domínio.

Os outros, os impacientes inimigos, não compreendem que a sua vogueira... compreendem que negando-se a aceitar a nossa hora se fecham irremediavelmente no passado, e não admitem nenhuma solução.

Para esses, que não conseguem descortinar a nossa razão, resta um argumento: o poder indomável que nos dá o tempo.

Nos homens, entre a velhice de uns e a mocidade de outros, há sempre uma ligação: — a vida. A renovação que representamos não é para eles sintoma de vida, mas grito de destruição. Está aí a sua maior incompetência.

Prossigamos no nosso caminho. Que cada um compreenda a enorme força que representa e não se esqueça da colaboração que deve. E, dentro em pouco, teremos demonstrado definitivamente como é nosso e bem nosso o nosso lugar.

CELESTINO SOARES

## VIDA LITERARIA



### Obra realizada

Antonio Ferro, que chegou há pouco de Paris, contou-me da ternura com que os escriptores doutras gerações salem da geração dos novos, de Cocteau, de Giraudoux (que segundo Paul Hazard, se quizesse poderia realizar uma obra definitiva e que afirma que: *Il y a chez lui un sens du caprice, de la grâce primesantière, de l'inattendu qui est tout à fait séduisant et, sous toute cette fantaisie, une sensibilité qui à toujours l'air de ne pas vouloir se montrer par une espèce de pudeur d'elle-même, mais qu'on saisit au passage*), de Carco, de Pierre Hamp, de Thierry Sandre e de muitos outros que enchem neste instante as vitrines dos livreiros de Paris. Entre uns e outros não há barreiras, orgulhos miúdos a separa-los, a desuni-los. Uns chegam e outros partem, sem que estes pretendam ridicularizar os novos trabalhadores, que surgem de todos os lados, dos quatro pontos cardeais da França.

Em Lisboa não, dá-se o fenómeno inverso. Para a geração passada, só os novos que iniciam a sua carreira maneando processos velhos, têm valor.

Os outros, não — aqueles que têm ritmos novos dentro de si, que possuem horizontes diferentes, que santem a vida de uma forma desigual e realizam a seu modo os sonhos varios das suas almas de artistas insatisfeitos e renovadores — esses, são os faldados, os futeis, os modernistas, os que nada valem — enfim — os doidos!

É assim que os criticos olham a obra dos novos, que não podendo ser ainda definitiva, é já alguma coisa, é muito, se nós estabelecemos o paralelo entre a obra da geração que parto e a da que começa. Em Portugal, há mais. Os campos estão divididos. Cada um tem o seu grupo, a sua torre de marfim. Quem não pertence a esse grupo não tem o direito de caminhar na vida, negam-se-lhe todas as faculdades, é zero. Não é citado. Bloqueia-se, antiqua-se, troça-se, caricaturiza-se, alcinha-se. Não se respeita a sua obra. Espalha-se o boato que faliu, que não existe.

Há novos, que foram levados ao suicidio, porque o am-

biente lhes segredou que o caminho era o da morte. Entre eles, recorde Mario de Sá-Carneiro, que foi meu companheiro no bacharelato e a quem Lisboa ordenou que procurasse Paris.

Desta campanha, iniciada no subseolo mental de Lisboa, resultou o completo divorcio entre as gerações literarias.

Chegaram-se a extremos fantasticos! Dum lado gritou-se: abaixo os velhos...

Do outro, porque a coragem faltou, gemeu-se: os novos não existem... São todos doidos!

Iniciou-se a guerra. E' bom acentuar este facto.

Houve um periodo de revolta; e, nesta afirmação, está oculta a razão da ausencia de obra de certos novos, que foram directamente castigados com a luta e que ao ardor da lucta se entregaram totalmente.

Procuo, agora, entre os varios livros que possuo, determinar posições e marcar valores. Assim é preciso, desde que de novo vamos entrar a cortar caminho. Que os lugares se accentuem a que cada um de nós saiba escolher a cadeira que lhe foi destinada. Na vida e na Arte, só aqueles que sabem onde está a sua cadeira, triunfam. A cadeira em que o homem se senta, define-o, diz não sei que escriptor francez, que neste momento esqueço, porque prefiro esta frase a toda a sua obra.

Um ensaio sobre a minha geração?

Não. Não é nesta cronica que o posso fazer. Simplesmente o resumo do ultimo ano literario, que fechei silenciosamente, sem que ninguém tivesse uma palavra de aplauso ou de incitamento.

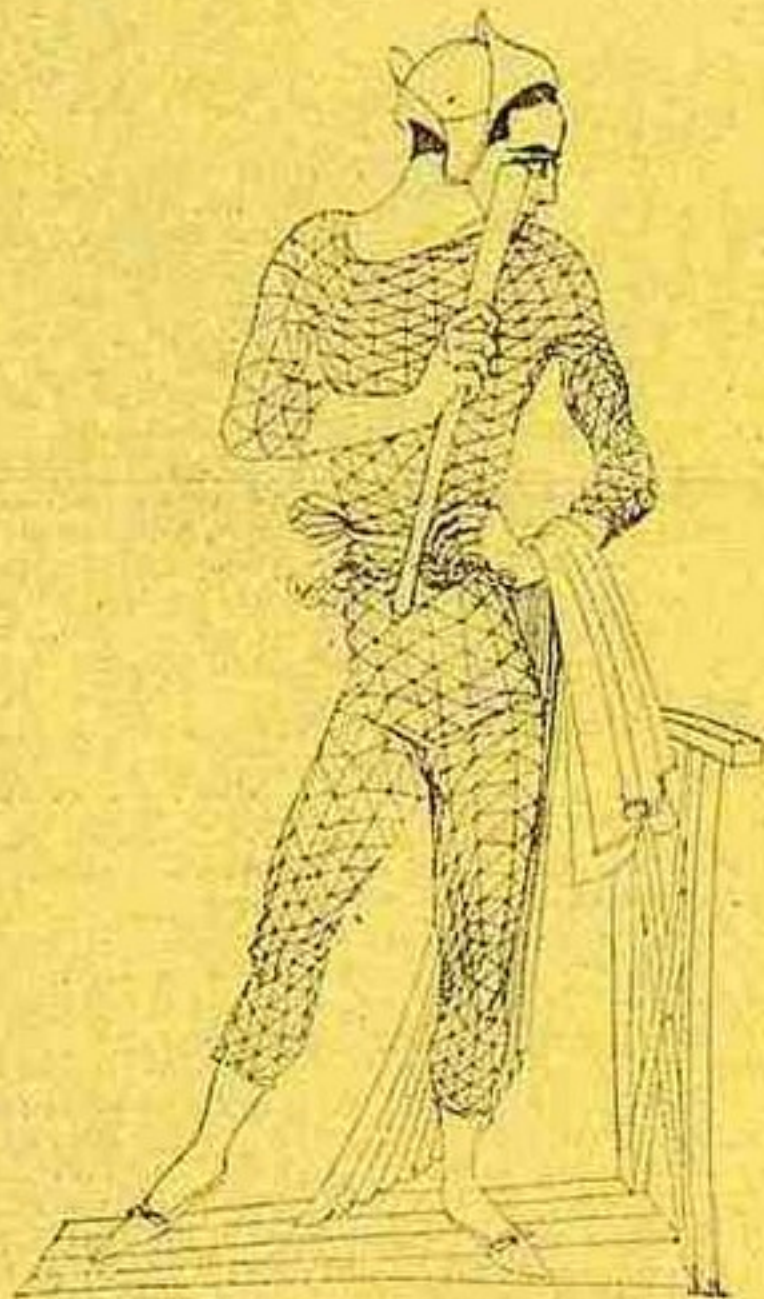
Cito as senhoras, em primeiro lugar. Há três que recorto, que isolo, que trago para aqui. Fernanda de Castro, que na *Cidade em Flor*, tem três ou quatro sonetos que são gravuras em madeira, traçadas com mão forte e sentidas por um optimo temperamento de artista. *Versos*, de Maria de Rezende, uma poetisa cheia de forma, tocada de uma hiper-sensibilidade muito rara. Virginia Victorino, que no *Apalozonadamente* é, ainda, a poetisa, em oitava edição dos *Namorados*, que o publico banalizou e que é um livro — um bom livro de versos. Há mais que esqueci, muito mais, versos, versos a este e a quello, versos que passam por nós como certo vento de outono, agreste e cortante.

A produção feminina, recomenda-se em Portugal pelo excesso e por nos ter evidenciado, as três, que recorto e que são realmente, três poetisas de mérito.

Procuo, agora, abrir caminho na narrativa dos novos. João de Castro e Antonio Ferro, guiam literariamente duas correntes diferentes. João de Castro, criador de simbolos, tem já dois livros que o estrangeiro muito bem compreendeu e que passaram despercebidos em Portugal. *A Horda* e o *Clamor* são duas tragedias bem fundas, vivendo bem no intimo da raça. O seu processo de trabalho é novo em Portugal. Lembram *Clotel*, *Masturbink* e *d'Annunzio*.

Profundamente originaes, denunciando o temperamento raro do auctor, estes dois livros de João de Castro, são o inicio duma obra, que realisa, e o colocam junto dos grandes trabalhadores da tragédia. Antonio Ferro, que o publico conhece da premiêro agitada do *Mar Alto*, é um criador de frases.

Longe de ser um escriptor futil, á maneira de Luiz d'Oliveira Guimarães, Antonio Ferro, á semelhança de Ramón Gómez de la Serna, é o filosofo das pequenas coisas, é o filosofo do instante. Tudo o interessa, tudo o prende — um sorriso que



ALMADA  
Almada



ALMADA  
Almada



# CARTA ABERTA de Oswaldo Andra de a Antonio Ferro sobre a arte e a litteratura novas no BRAZIL

Meu amigo:

Depois de dar balanço ás idéas e expressões de Paris, quer você fazer-me a distincção de perguntar também qual-quer coisa sobre o desconhecido Brasil cheio de flores.

Que Brasil?

O Brasil em Paris? Respondo-lhe já. Temos meia dúzia de artistas aqui, todos correspondendo ás classificações naturalmente feitas em sua enquete.

A pintora Tarsila do Amaral — vanguarda independente — ligando-se aos primeiros cubistas e ao inesquecível e immenso Amadeu de Souza Cardoso, que vocês tiveram. Nacionalista como elle. Será sempre discutida. Orientará a minoria.

O esculptor Victor Brecheret — admiravel de graves qualidades — força — cyclopismo. Tendência Salon d'Automne — Será o artista official, cumulado de honras.

A pintora Annita Malfatti — a sensibilidade — a poesia fauve. Nossa Mario Laurencin. Possível. Com outras cores. O pintor Rego Monteiro — a deformação indigena — a pallidez decorativa. Fajita.

A pintora Angelina Agostini — fortes recursos technicos — obstinada contra os processos modernistas. Salon des Artistes Français.

Quem mais? Tres ou quatro idiotas pensionados pelo governo para borrar telas de azul e amarello e mastigar gesso em Montparnasse.

Alguns interpretes de real merito — Souza Lima, Magda Tagliaferro, Vera Janscopulos.

Essa gente toda — boa e má — amparada pela correção e pela bonhomia de Souza Dantas, nosso activo embaixador, cujo tino diplomatico nunca poz de lado preocupações intel lectuass.

E o Brasil no Brasil? Vejo escuro. Effeitos dos fogos deste inverno. Palavra que custo a distinguir. Se vejo pouco, ouço, porém, muito. Ouço, por exemplo, a voz estridula, abelhuda, mexeriqueira do popular academico futurista Graça Aranha, que tem procurado desgraçar a Academia, essa respeitavel instituição propria que funciona até hoje, no Rio de Janeiro, com o mecanismo do parlamento de D. Pedro 2.º Graça Aranha não se cala, em quanto não for espartilhado. Deve-se isso á sua incaeçavel mocidade de propagandista republicano. Fogoso, irrequieto, impaciente. Uma locomotiva em manobras. Se amanhã as suas formulas futuristas fossem adoptadas por troianos e gregos, faleceria de languido desespero. E' o nosso Marinetti, não ha duvida alguma. O nosso Felippo Taddeo.

Mas quasi nada tenho a articular contra essa prodigiosa vocação tribunicia. De um anno para cá, Graça Aranha segue os meus gestos com uma passividade heroica. Tendo eu pregado o cubismo, affim de levar um pouco de emoção á gelatina dos officios no Brasil, elle tornou-se cubista a serio e fez aquelle discurso da Corôa, que por pouco punha metralhadores no revoltado arceopago sul-americano. Depois, como eu creasse a minha poesia «Pau Brasil», revertendo em favor da nacionalidade nascentes os beneficios da renovação mundial das letras e das artes, elle o enveredado no terreno jacobino das reivindicações brasileiras. Ah, fingindo ignorar o meu manifesto, amplamente divulgado em Março, pelo «Correio da Manhã», ampliou-o e commentou-o.

Esqueceu-se nessas brilhantes occasões de que podia dizer algum bem de Portugal.

Ninguem trabalha mais francamente do que eu pela libertação nacionalista da lingua brasileira e da arte brasileira. Nas minhas campanhas, não me tenho privado de afirmar, mesmo em Lisboa, quanto nos tem sido nefasta, a prisão do falar brasileiro nos moldes lusitanos. Referi-me em entrevista dada ao «Diario de Lisboa» em 1923, ao atrazo occasionado á evolução de nossa lingua propria pelo inutil purismo do Conselheiro Ruy Barbosa. Nossa lingua está tomando caracter tão particular e independente, quanto o inglez falsado na America, já o disse Paulo Prado. Os

nossos escriptores têm um dever-fixar essa evolução no sentido da sua pura liberdade.

Isso não me impede de ver e admirar os bons exemplos que nos fornece Portugal.

Das grandes gerações successivas já tiveram representantes portuguezes á altura das mais altas responsabilidades creadas — refiro-me ao movimento symbolista e ao movimento actual. Eugenio de Castro combateu lado a lado com Moreas e Regnier, Antonio Nobre e outros seguiram-n'o, enquanto no Brasil, a coudelaria parnasiana afinava a lyra manca pela barulhada espectral dos poetas de 80 annos atraz. Isso constituo apenas uma vergonha para a nossa historia litteraria. Vergonha que melhor realça o valor da pesquisa portugueza.

Actualmente, se Portugal nos stulha ajuda de dictionarios caducos e regras inviaveis de syntaxe e prosodia, manda-nos tambem a jovialidade combativa de você, meu valente Antonio Ferro. Porque, creia-me, a sua conferencia — «A odade do jazz-band», realizada nas principaes cidades do Brazil, abriu lá um respiradouro por onde entraram os barulhos desarticulados da nova Europa, tão necessarios á alma dos nossos dias esportivos e — oh ironia! — tão americanos.

A sua estadia entre nós deu apoio á attitudo iniciada pelos modernistas de São Paulo, perante os voluveis letrados da capital. Sem você, mesmo com todos os remorsos estheticos do inolvidavel Graça Aranha, estaríamos mais atrazados.

Outra lição contemporanea que Portugal nos indica (sem contar a de Amadeu de Souza Cardoso na pintura) é a que eu chamarei de «o phenomeno Aquilino». De facto, reparou V. como Aquilino Ribeiro, sem desconfiar de nada, é um moder-

## TEATRO NOVO

TEATRO DE VANGUARDA  
PALACIO DO TIVOLI  
INAUGURAÇÃO: BREVEMENTE

nista da melhor vanguarda? Eis um caso opposto ao de Graça Aranha (este nome, cantando espalharei por toda a parte). Enquanto Graça é um tijolo academico e mais nada, querendo á viva força figurar numa exposição de motores, Aquilino é um motor que se esconde entre pedras, as pedras da sua serra.

Uma das bases da renovação actualista é, sem duvida, o trabalho sobre o material — esquecido pela importancia anecdotica dos assumptos — a volta ao officio, trahido pela parlapatice esthetica. Ora! pouca gente na litteratura actual, tem mais pujante e vivo o prazer de trabalhar sobre o material — que para o escriptor é a lingua — do que o autor saboroso e novo de «Terras do Demo» e «Via Sinuosa».

A formosa resação que você produz, desarticulando a sua linguagem, dando-lhe molas imprevistas, fazendo-a agir como um acrobata cinematico, produzindo effeitos desconhecidos de simultaneismo, de dynamismo — elle a completa no duro labor de bater, plasmar e deformar encantadoramente a sua expressão millionaria.

Portugal deve-lhes muito e o Brasil seguramente mais que a Graça Aranha.

Resumo para terminar:

- Qual a mentalidade mais forte do seu paiz?
- Paulo Prado.
- Qual a corrente ahí victoriosa nas artes e nas letras?
- A minha.
- Os melhores talentos...
- Os meus amigos.
- Os homens horriveis do seu paiz?
- Os meus inimigos, com o Sr. Coelho Netto á frente.
- O peor critico do mundo?
- Chama-se Osorio Duque Estrada. Felismente ninguem o conhece.
- Vem V. a Lisboa fazer uma conferencia?
- Irei fazer uma conferencia ou duas.
- Sobre?
- Espirito e forma de Paris.

Disponha do OSWALD DE ANDRADE



Retrato do esculptor Francisco Franco aos dois annos de idade  
por seu pai Henrique Franco



O pintor Carlos Pestana  
Que na sua exposição de pinturas organizada pela «Contemporanea» obteve um extraordinário êxito

se abre ou a sua caneta de tinta permanente. Aparentemente facil, esgrimindo frases numa eterna Batalha de flores.

Não ha desmembramento na sua obra, ha cidades que passam como num éorain.

Alves Martins, cuidou da Mulher de Bençam com uma grande ternura lirica.

E', conjuntamente com João Cabral do Nascimento, um sonetista, néo classico de grande beleza.

Antonio Botto, é um artista de ritmos novos, que nas Canções, marcou nuances de forma que o evidenciam poeta e que nas Curiosidades Estheticas, conseguiu dominar com beleza a vida.

Entre os poetas raros, recordo, Garcia Pulido.

Porque tenho de ser rapido, uma citação equivale a um aplauso.

Ferreira de Castro e Eduardo Frias, um acção e outro sonho.

Reynaldo Ferreira, o maior reporter portuguez, vive inteiramente a hora que passa, consumindo no jornalismo diario o seu talento de novelista.

Julião Quintinha, é um paisagista de tintas fortes que o Alentejo agrilhou.

José Osorio de Oliveira, critico mordaz e sincero, nutrido grande admiração por Oliveira Martins e Eça de Queiroz, tem um curioso estudo sobre a Litteratura Brasileira.

A minha geração possui tambem um grupo de dramaturgos, alguns já applaudidos, outros publicados. Cito: Norberto Lopes e Chianca de Garcia, A Filha de Lazaro; os Emigrantes de Tito Arantes, uma peça que foi sacrificada antes da première. Gastão de Bettencourt e Valerio de Rajanto, este dramaturgo e novelista, cujas Ironias, vão entrar em 2.ª edição.

Ha um romancista que não esqueço, Assis Esperança. Tem o seu lugar.

Mais. Em Coimbra, a geração nova tem igualmente valores. João Azeul, romancista moderno, intenso, que desprezou Lisboa e conquistou o Porto. Umberto Araujo, que no seu ultimo livro Uma pagina antiga, Cartas de Amor, justificou plenamente a maneira carinhosa como a critica recebeu as suas Aguias. Victorino Nemésio, que no Paço do Milhafre, profaciado por Afonso Lopes Vieira, entrou victoriosamente na litteratura vasta dos novos.

Antonio de Souza, é um poeta á maneira de Augusto Gil, que escreve e cultiva com amor a quadra popular.

Antonio Sardinha, historiador, poeta, ensaista, é apesar da sua intransigencia historica e do seu odio aos judeus, ainda que eivado das doutrinas franco-nacionalistas de Leon Daudet, um poeta tradicionalista que a Espanha seleccionou, entre os modernos poetas portuguezes.

Homem Cristo, filho, colaborador de Rachilde e o Conde Albert Monsaraz, são em Paris, dois valores, que a critica acolheu com alvoroço. Mussolini, de Homem Cristo, filho, é um estudo politico notavel pelo muito que nos revela sobre o dictador italiano.

Junto Luiz de Almeida Braga e Ferreira Monteiro, porque os dois pertencem a grupos oppostos, que se degladiam, atravez das suas revistas. Luiz de Almeida Braga, no Significado Nacional da Obra de Camilo, mostrou que é um investigador curioso e honesto. E' um livro que não afronta a memoria do Camilo.

Mario Saa, investigador, poeta, auctor de varios livros sobre Camões e duma conferencia erudita sobre o Bairro Alto, é, apesar da sua selvista desorientação mental, um catalogador de idéas. Quando acorda do outro lado julga ter descoberto o mundo. E' um novelista original que o José Rottico denunciou.

José Almada Negreiros, o mais original de todos os modernistas, desenhador, pintor, poeta, escriptor, tem uma obra vasta, que documenta bem todas as nuances do seu temperamento.

Está na primeira fila dos grandes modernistas europeus. Augusto Santa-Rita, poeta e dramaturgo, director das Folhas de Arte, é um poeta que O mundo dos meus bonitos, con sagrou.

Encerro a lista. Ha mais, ha muito mais... Porque este artigo é o primeiro duma longa serie, prometo que logo recordarei os outros.

Creio que não esqueci nenhum dos que nos acompanham... Sei que os outros estão á minha espera, ao voltar da esquina, para me agredirem os idiotas...

A minha Conklin está exgotada... Prometo enchê-la para a outra vez.

A. d'E.



# A Criação da Geração Nova

## 1 — O conceito de geração

A vida profunda de uma raça em criação espiritual nunca pára, e sem interrupções bruscas que raramente se dão, sem mudanças repentinas, é difícil definir e classificar as gerações que se sucedem. Épocas de transição todas as são, no constante movimento interior que anima as civilizações. Mas há na verdade agrupamentos em volta de ideias fundamentais e sentimentos opostos, ou conseqüentes, que permitem classificar as gerações. E dentro das suas actividades, pela energia e capacidade de realização e pela dose de genio realizador, algumas gerações se destacam com uma obra definitiva. Convencione-se por isso chamar gerações de transição aquelas que pela lenta acumulação de qualidades preparam a geração genial.

E não há nisto um erro ou uma injustiça, visto que a civilização desde o seu início tem sido dominada por tres ou quatro grandes gerações criadoras. Tão lenta é a formação do genio, e tão difícil a natureza fraca, que os seculos se passam na preparação desses momentos esplendurosos e que nós mesmo, infantilmente, assim definimos — o seculo de Péricles, o seculo de Octaviano, o seculo de quinhentos...

E' em relação a esta ideia do movimento das gerações para um seculo de esplendor humano, em que uma nova civilização se define, para depois dominar o mundo durante seculos, — que o conceito de geração pode ser encontrado.

Uma geração não é o agrupamento de pessoas de equivalente idade. E' na sucessão e movimento para um fim inatintivamente buscado, o agrupamento de valores em volta de uma ideia fundamental dessa evolução.

A evolução faz-se por sucessivos predomínios de uma ideia ou de um sentimento fundamental que serve de eixo a um agrupamento de pessoas e ideias e sentimentos — isto é a uma geração. E as gerações do esplendor pelo mesmo motivo e do mesmo modo se agrupam em torno do eixo profundo que é a alma nacional lentamente criada pelas sucessivas gerações.

Com este critério se explica também o fenomeno das épocas dispersivas que não constituem uma geração o, apenas, com valores isolados, tornam possíveis pela sua actividade precursora os futuros movimentos conjuntos. São épocas em que a evolução hesita entre muitos caminhos, entre influencias varias e as mais variadas tendencias pessoais. São épocas em que por falta de um animador poderoso, chefe mental incontestado, ou de uma ideia aparente e clara, muitos valores se perdem no isolamento e na fraqueza de uma obra individual desligada das sugestões necessarias da sua época.

A geração que devia ter sido constituída em Portugal com os primeiros esforços da reacção nacionalista nunca chegou a constituir-se. E serve bem de exemplo a sua actividade dispersa, diminuida pela dispersão e só muito tarde forçadamente agrupada, para definir as fases dispersas das evoluções espirituas.

O conceito de geração é uma ideia consciente que devemos conhecer e procurar antes de nos agruparmos. Se aqui a discussão é para explicar em que, como e porque, a geração de hoje pode e deve constituir uma geração. Não bastam afinidades de tempo ou de simpatia.

O critério de geração como agrupamento de valores independentes em torno de um eixo ideal e sentimental comum, servirá para definir como a evolução e a nossa vontade devem hoje criar uma geração consciente de si e da sua obra em Portugal, após uma tão longa evolução feita para a preparar.

## 2 — O genio nacional

E, antes de mais nada, é preciso afirmar que a obra humana nada vale senão como elemento constitutivo e componente de um genio nacional. A vida da humanidade faz-se por meio dos organismos Nações, que podem mudar de sentido social, de principio aglutinador das forças que as compõem, mas nunca desaparecer.

Só por intermedio desses grupos sociais a actividade humana se transforma n'uma civilização, com a disciplina e a liberdade, o genio que a caracterizam. E só com estas civilizações nacionais pela sua composição, e mutua influencia, só pela sua luta e embate a humanidade continúa a sua marcha. Não há homem de genio que possa criar fora de um ambiente nacional, fora da evolução propria á sua civilização nacional. E aqueles homens que se expatriam, tentados por outra civilização, mais brilhante no momento em que vivem, são aniquilados pela fatalidade do conflito entre as ideias interiores e o ambiente em que tem de desenvolver-se.

Ninguém pode criar fora do destino que a sua raça, o seu genio nacional lhe traçou. Por isso aqueles povos que são apenas momentaneas e meras combinações da politica, como a Belgica, simples provincia da França, não podem isolar-se da civilização a fim, como, no caso citado, Verhaeren, Maeterlinck, Rodenbach, Eekhoud, da civilização francesa.

Mas, assim como as nações inconsistentes se aniquilam numa outra civilização, assim fatalmente, apesar de todas as trações, as nações roças vivem obrigadas a realizar uma finalidade propria, uma muito propria civilização.

Portugal é, mais do que uma nação, o centro activo de civilização de um conjunto de nações.

Aqui se formou lentamente o caracter especial de civilização, o espirito novo, a alma lusitana, a tradição de alma, que hade aproveitar ao Brazil e a Portugal, as nações que se formarem amanhã em Africa, e por extensão natural ás republicas Hispano-Americanas e até á Península Iberica toda.

Uma civilização tem sempre um centro onde as circunstancias tradicionais e o esforço de um dado momento colocaram o eixo da sua criação. Todos os grupos nacionaes que pertencem a esta civilização nela colaboram mas em torno do espirito iniciador de um deles. Toda a Italia colabora nos dois renascimentos mas em torno de Florença como eixo mais consciente. Toda a Grecia oria e espalha a grande civilização helena mas em torno de Atenas como eixo e iniciadora.

Portugal parece indicado, pela sua tradição espiritual, pela sua propria historia de acção, pela actividade renovadora que desde Anthero nos impelo, e pela novidade e profundidade de que a nova criação está hoje animada, Portugal está certamente indicado pelas forças das raças ibericas para ser o xeio da nova civilização.

Esta consciencia, ainda mais do que o dever de não faltar ao principio de nacionalidade, nos deve iluminar sempre e

agora sobretudo quando pretendemos com a geração nova fazer, enfim, a obra realizadora ha tanto esperada.

O genio nacional é para nós mais do que um patrimonio a zelar, é o meio de realizarmos a obra de criação, a obra de esplendor que a um mundo europeu fará succeder um mundo iberico que á civilização europá em decadencia sobreporá uma civilização iberica nova, forte, original.

O genio português é para nós o meio de sermos universaes.

O internacionalismo, ou qualquer forma de transigencia com o enfraquecimento da nação é um crime contra as possibilidades da nova criação. E para nós ser internacional é ser anti-universal. Porque devemos alcançar um novo universalismo pela criação do novo genio nacional, do genio lusitana, (que este nome em honra de Camões lhe fique para sempre) do genio lusitana comum a todos os povos ibericos e aqui mais concentrado, mais isolado, mais experimentado pela dor, mais prestes a iniciar a grande criação.

Para agruparmos em geração precisamos da consciencia absoluta da obra imensa a realizar e a que não podemos fugir. Criar dentro do genio nacional um novo universalismo — a civilização iberica, o espirito lusitana.

## 3 — O genio nacional é completo

Ao falar de genio nacional entendemos, porém, uma caracteristica fundamental da alma humana, um espirito completo, mas caracterizado, pela diferença do seu conjunto, de outros conjuntos alheios. Um genio nacional tem sempre uma actividade completa. Isto quer dizer que repudiamos em absoluto as categorias, em que uma critica, interessante mas falsa como a de Moniz Barreto, pretendeu separar as actividades nacionaes.

A alma oriental, a alma helena, a alma germanica, e hoje a alma lusitana, são expressões que significam actividades completas, diferenciadas na sintese, no conjunto, no produto da sua actividade sempre multipla que é uma civilização. As teorias de Moniz Barreto sobre a caracterização das almas nacionaes, não representam mais do que um jogo inteligente com as ideias, sem fundamento, nem estudo, nem verdade.



JOÃO DE CASTRO

Uma alma nacional só existe quando é capaz de todas as actividades, misturando-as embora em graus diferentes e diferindo sempre na sua sintese. Na verdade até ao momento de perfeita eclosão e esplendor o genio nacional vai manifestando, conforme as épocas e as suas condições, ora uma ora outra qualidade. Mas no momento da perfeita realização das suas capacidades é completa a sua actividade. O genio nacional realiza todas as actividades espirituas marcando-as com a sua caracteristica, com a diferença e a novidade do seu genio. Assim toda a alma nacional tem a sua interpretação da tragedia; do teatro, e portanto a sua visão da realidade; a sua capacidade de ilusão; o seu poder lirico; e exaltação epopáica; e espirito religioso e metafísico.

Não pode uma civilização basar-se só no pensamento lirico ou só no pensamento racional, ou no metafísico. Um genio nacional para triunfar na sua criação e realizar uma civilização, tem uma actividade complexa e completa. De resto todas as nações tendem para isso desde que tenham em si principios de vida forte. E ou um genio nacional é completo, ou lentamente desaparece e se integra n'outra civilização.

O erro de Moniz Barreto foi particularmente prejudicial á formação de uma civilização iberica e em especial á actividade portuguesa que se empenha na formação da alma lusitana.

A outros paizes já conscientes da sua civilização não diminuiu ele — para mais escrevendo em português — negando-lhes a complexidade necessaria. Mas a Portugal, no momento de extrema sensibilidade em que iniciava a sua criação, esse erro de critica foi das mais perniciosas influencias que temos sofrido. Mais perniciosas ainda porque ninguém se apercebeu directamente dela.

Moniz Barreto não era um occidental; era uma alta intelligencia mas desorientada, desnacionalizada pela mestiçagem com sangue oriental.

Ou por isto, ou por excessiva sujeição á cultura do momento estrangeiro não viu com clareza o novo problema, um momento em que ele já tinha despertado pela actividade dos *Desidentes de Coimbra* e dos seus discipulos.

Importa agora afirmar que a geração nova a formar-se, como fatalmente succederá, tem que formar-se na opposição categorica ás afirmações de Moniz Barreto. A geração nova tem que formar-se com a afirmação da nova actividade do genio nacional complexo e completo. A geração nova tem

(Continúa na 2.ª edição da página 6)

# ÉCOS



A teimasia dos velhos, em Portugal, teimasia cabeçada e rabugenta de quem não está para se ralar, forçou os novos, novos pelo Espirito e pela certidão de idade, a criarem o preconceito desagradavel daquela juventude que se conta pelos anos de existência... E' que, realmente, em Portugal, devido a uma coincidência estranha, os tempos extremaram-se de esta forma: dum lado os velhos de intelligencia bolorenta, do outro os novos a respirar saúde em horizontes largos... Nós sabemos muito bem que a Alma é inimiga do corpo, que é muito possivel encontrar velhos de vinte anos e novos centenários... Pirandello, aos sessenta anos, criou o teatro do avesso e conseguiu pô-lo novo, Bernard Shaw, perto dos setenta, escreveu essa imprevisista e singular «Santa Missa». Erick Satie, o grande músico, aos sessenta e tantos, colabora com o turbulento Picabia no bailado «Relâche» e entra, no palco, de automovel, para agradecer as ovacões do publico. Max Jacob, o rapaz de «Filibuth» e de «Coriel à Dés», tem cinquenta anos. Bakst, o grande illuminador da nossa época, morren aos quarenta e tantos. Picasso, o autor do cubismo, deve aproximar-se, a passos largos, dos cinquenta. Leger, Brancusi, Lhoté, Stravinsky, Cural Marinetti, Georges Kaiser e tantos outros legionarios do novo perderam de vista, ha muito tempo, os trinta anos... Graça Aranha, no Brazil, apesar da carta espirituosissima que o grande e querido Oswald me dirigia, é um exemplo da mocidade que não abdica dos seus direitos... Ao mesmo tempo, lá fora, nos paizes que marcham, já passou de moda, ha muito tempo, esta frase infeliz: «O senão é muito novo...». Quando, por acaso, alguém o diz não é com a intenção de diminuir mas sim com a intenção de exaltar... Ser novo e não ter preconceitos, é compreender a época em que se vive, é ser descobridor... A frase, de resto, em França, na Italia, na Alemanha, na Inglaterra, em quasi toda a parte, applica-se, indifferente, a rapazes de vinte anos ou a rapazes de cinquenta...

Igualmente, em todo o mundo literario civilizado, a Arte não é, e nunca foi, unilateral... Para se alcançar o alvar de escritor não é necessario ler por esta ou por aquela cartilha: basta possuir uma individualidade.

Em Portugal não é assim: os escritores graves, os prosadores «chos de responsabilidades» que se arcam dentro duma escola literaria como os livros nas prateleiras duma biblioteca, olham, com uma falsa e estulta superioridade, para os futuros, para os novos, para todos esses insignificantes que não tomam a literatura a sério e a quem a literatura não pode tomar a sério... Em Portugal não seria possivel a glória dum Marcel Proust, dum Max Jacob, dum Apollinaire, dum Cocteau, dum La Serna... Futilidades, bagatelas... Para se ter direito a ser lido, com respeito, é preciso escrever um volume de quatrocentas paginas a investigar qualquer assunto que não nos interessa ou então não publicar livro nenhum e ser discipulo, nas columnas de qualquer revista copiosissima do Pinheiro Maluco.

Criar, mostrar, imaginar — é um crime em Portugal. Os que se atrevessem a cometer esse crime são condenados pelos gruppellos e maçonarias literarias, a um desdém perpetuo... Os que estiverem conosco, os que estiverem dentro da «Contemporanea», não têm que apresentar uma certidão de idade, não que possuir a coragem para cometer o crime, para merecer o honrosissimo desdém...

ANTÓNIO FERRO

A nova direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa estabeleceu, para a sua gerência, uma orientação que cabe perfeitamente dentro daquella que presidiu á questão dos novos. Felicitamos, por isso, calorosamente os novos directores, alguns dos quais têm prestado valiosos serviços á nova geração. Referimo-nos a Julião Quintinha, Artur Portela e Jaime Brasil.

NOTICIARAM os jornais de 7 de Fevereiro último que a Sociedade Nacional de Belas Artes, em reunião da véspera, presidida pelo inevitavel Senhor Adães Bermudez, se occupara da reorganização do ensino de Belas Artes, onvindo e encarregando do seu estudo os sócios Cesar Barreiros, ensilhador, e Afonso Branco, funcionario de finanças.

Este primeiro folguedo carnavalesco foi seguido de uma conferencia humoristica pelo sócio Tertuliano Marques, architecto, em sábado gordo, e bailes de máscaras nesse dia e na segunda-feira de Carnaval.

CONSTA-NOS que está requerida uma reunião da Assembleia Geral da S. N. B. A. para se occupar de injustas tabelas applicadas aos expositores do Salão de Outono.

COUBE á *Contemporanea* annunciar em Portugal um Salão de Outono, isto é, um salão de Arte moderna em que o critério de selecção seja, ao contrario dos salões officiaes, a audácia, a personalidade, o modernismo, a revolta contra as formas consagradas, não por principio, mas por expansão da energia pessoal.

A doença prolongada de José Pacheco não a deixou levar a efeito esta bela ideia.

Felizmente, Eduardo Vianna foi alguém capaz de a retomar e de a levar a efeito. Por isso, e pelo seu justo triunfo, merece Eduardo Vianna todo o nosso louvor e aplauso.

EM virtude de a tipografia encomendada pela *Contemporanea* não ter chegado a tempo e da doença prolongada do seu director, o architecto Sr. José Pacheco, não tem podido sair o numero especial da revista dedicado a Camões. A *Contemporanea* sai brevamente completamente remodelada, fixando a data do seu aparecimento mensal.



# A QUESTÃO DA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES



No *Seculo da Noite* de 4 de Setembro de 1921, sob o titulo de *Os Sonhos da Geração Nova. A conquista da Sociedade Nacional de Belas Artes*, publicou-se, com a forma de entrevista, o relato de uma conversa surpreendida num café de Lisboa, entre varios artistas moços. Revelava o jornalista que perto de com propostas de novos sócios tinham sido apresentadas na Sociedade Nacional de Belas Artes, os quais pretendiam transformar a velha agremiação. *Queriam jubilar a fazer alguma coisa, porque, a Sociedade, tal como estava, apenas com uma exposição annual, não correspondia ao seu fim. Era preciso trabalhar, acabar com a puzulo rivalidade entre novos e velhos. Varios tolos do peito bem aberto, não levamos ideias premeditadas contra ninguém. Queremos apenas trabalhar para que se faça arte em Portugal* — disse um dos entrevistados. E continuou: — *O nosso programma é fazer arte. Anuudar as exposições, organizar festas, bailes, chais, concertos, representações, onde o publico (um publico selecto, até bem de ver) veja tudo aquilo que é necessário, aquilo de que todos nós sentimos a necessidade urgente, — uma commhão mais ampla de ideal! Primeiro do que tudo tentemos propor à Assembleia Geral novas fontes de receita, e, à medida que o orçamento for aumentando, iremos effectivando o nosso programma, que vai desde a realização de grandes bailes ao ar livre, à organização dos jogos olympicos nacionais. Fazer arte em todas as suas manifestações é o nosso programma.*

Com tão simples palavras, e tão francos e abertos propósitos, se iniciou uma das mais violentas, das mais longas e das mais tristes questões que têm absorvido as atenções do publico, nos últimos annos. A *questão das Belas Artes, a questão dos novos*, foi uma prova definitiva da incompatibilidade entre a honestidade dos novos e a senilidade dos outros, daquelles que oficialmente pretendem representar uma vida que asfixiam. Propositadamente transcrevemos as palavras que traduziram o inicio da louvavel attitude que gerou o conflito, porque, querendo provar serenamente, decortados cerca de quatro annos, quanto eram razoáveis os nossos intentos, não temos mais que copiar documentos e relatar os actos porque uns e outros testemunharam o seu modo de acção. Vamos, pois, reconstituir, na sua rigorosa successão, os acontecimentos.

### Os novos pretendem legitimamente ingressar numa instituição de utilidade pública, protegida pelo Estado

A S. N. B. A., aprovada, por alvará de 16 de Março de 1901, reconhecida como instituição de utilidade pública por carta de lei de 29 de Junho de 1914, é a sucessora de três grupos: a *Sociedade Protectora de Belas Artes em Portugal*, fundada em 1861, o *Grupo do Leão*, fundado em 1880 e o *Grêmio Artístico*, fundado em 1890. Pelos seus salões, e pela actividade e renome dos seus antigos dirigentes, representava todo o período de intenso trabalho do último quartel do século XIX e do começo do século. Justo era, portanto, que os moços artistas, antes de desfraldarem uma bandeira própria; antes de procurarem isolados um ambiente para as suas construções, se dirigissem à instituição, de utilidade pública, expressamente destinada a iniciativas semelhantes, para que ella lhes desse o devido acolhimento.

Não havia, no plano dêles, nem malevolência, nem menosprezo. As suas attitudes foram sempre claras, publicas e annunciadas. Em vez de procurarem o ingresso disfarçado e lento, preferiram a entrada em massa, como correspondendo a um fim que se não devia occultar. E assim, nos termos regulamentares, os Srs. José Pacheco, Celestino Soares, Leitão de Barros e Rui Vaz, sócios da Sociedade, subscriveram as propostas de admissão dos seus amigos, as quais eram inicialmente cerca de cem, mas que, decorridos poucos meses — à data em que a Sociedade, pela violência, por termo ao incidente — já atingiam o número de cento e oitenta.

Foram essas propostas ontregues, e o plano de trabalhos que os novos defendiam foi tornado publico, por meio de entrevistas e artigos de jornal, em que se explicavam e defendiam as opiniões expressas na entrevista acima citada (1).

### Os directores da Sociedade iniciam uma campanha de desacredito contra os novos

Comoçou a constar que a Direcção da S. N. B. A., a quem, nos termos dos Estatutos, é impetia pronunciar-se sobre a admissão dos novos sócios, se alarmara com o ingresso em massa de artistas moços e via nesse acto, não os propósitos confessados, mas a intenção oculta de assaltar a Sociedade, expulsando os seus corpos dirigentes e perturbando as faccis e asteres iniciativas dos seus senhores.

A Direcção demittiu-se n. com esse pretexto, não se pronunciou.

Em uma entrevista dada à *Epoca*, em 13-9-21, o escultor Francisco Santos declarou: — *Que a Direcção estava desinteressada por motivos independentes do movimento dos novos e que estes seriam acolhidos abertamente. Acrescentando que a sociedade não estava, como elles supunham, do seu lado, porquanto a Direcção a que presidia tinha de lá muito as mesmas intenções.*

Mas a sua entrevista, chota de um torçado humorismo que estava muito longe das maneiras habituais do entrevistado, revelava, como os factos provaram, muito oposta opinião.

Pessoalmente, declarou a Direcção aos proponentes que o caso — contra todas as regras — seria submetido à apreciação da Assembleia Geral. E logo arranjou apaniguados que começaram uma campanha contra os novos e contra os seus orientadores.

Surgiu em 16-9-21, na *Imprensa da Manhã*, com uma carta, o Sr. Diniz, que defendia uma doutrina estranha, pois protestava contra «a irreverência que se procura cometer, preterindo os direitos dos velhos e gloriosos artistas portuguezes. Mais do que

irreverência, um crime.» Dizia ainda que a Sociedade representava uma classe e que «quem dela (classe) não fizer parte, os seus interesses não tem, nem pode ter, interferências». E concluia: — *«Ser sócio da S. N. B. A. é uma honra e honras não se concedem aos centos». Estavam abertas as hostilidades. A sinceridade e a intelligência respondia-se com a mentira e com a deturpação.*

A Sociedade não era privativa dos artistas, não tinha o caracter duma associação de classe. O proprio escultor Francisco Santos o declarou, na citada entrevista da *Epoca* (13-9-21), nos seguintes termos: — *«Nós, que contamos entre os quatrocentos sócios da Sociedade cerca de quarenta artistas e inúmeros escritores de estorço. Isto é, o defensor da classe ignorava que essa classe correspondia apenas à decima parte dos sócios; ignorava que aonde estavam escritores, médicos, advogados, commerciantes, empregados publicos, proprietários e, até, firmas commerciaes, podiam estar outros novos, das mesmas profissões; ignorava que com novos sócios, em relação a quatrocentos sócios antigos, representavam apenas a quinta parte do total com que ficaria a Sociedade; ignorava que esse quinto não podia legalmente prejudicar os quatro quintos restantes; ignorava que se porventura ôles um dia tivessem maioria nas votações era porque o seu grupo era activo e presente, tendo portanto toda a força razoavel e proporcional a sua comparticipação na vida social; ignorava mesmo que os novos não pretendiam assaltar e que, dos velhos e gloriosos fundadores do Grupo do Leão, aquelles que ainda viviam, estavam abertamente com os novos, como se verificou. E como ignorava tudo, não percebia nada e queria um pretexto para tentar sair do anonimato — que logo o retomou — chamava um crime aquilo que era acto benemérito, generoso e forte. Começava a caluniar, começava a mentir, começava o proposito de iludir a realidade, procurando convencer a opinião pública de que os novos queriam irreverentemente expulсар os velhos artistas de posições conquistadas com merito e trabalho — como se os certames annuaes da Sociedade e a sua absoluta indiferença pela vida das belas artes não constituíssem, muito ao contrario do que faziam crer, uma prova de irremediavel incompetência.*

### O papel do director Sr. José de Almeida, Sobrinho

Um desconhecido rampora o fogo. Logo um inconsiderado sócio-director, o Sr. Simões de Almeida, Sobrinho, deu em 20-9-21 uma entrevista para a *Epoca*, em cujos termos grosseiros — bem dêle — affirmava que toda a obra dos novos, que para a Sociedade queriam entrar (com excepção da de Eduardo Viana) não era mais do que *uma imbecillidade pegada, para não dizer pior...*

Quem eram os proponentes? Francisco Smith, o pintor que por três vezes expusera individualmente na Galeria D'Almeida, e merecera criticas favoraveis a Henry Bataille e a Pierre Mortier; Ernesto do Canto, o escultor discipulo de Julio Antonio e de Bordaile, que vendera todos os trabalhos que expusera na Suíça, em Paris e em Madrid e merecera a uma revista americana um numero especial sobre a sua obra; o pintor Manuel Jardim, que expusera no Salon de 1911; o maestro Rui Coelho, já então consagrado em Berlim e Paris, com criticas de Vincent d'Indy, Paul Dukas e Ravel; o architecto Raúl Lino; o escritor Alfredo Cortez; Almada Negreiros; o escultor Francisco Franco; o poeta Alberto de Mousaraz então director de *A Monarquia*; o escultor Diogo de Macedo, que expusera com successo em Portugal, na França e na Espanha; o escritor António Ferro, então director da *Revista Portuguesa*; o poeta Lebre e Lima, Secretario da Embaixada no Rio de Janeiro; o escritor Veiga Simões, então Ministro em Viena de Austria, que a propria Sociedade, que o regeitara, se viu obrigada a proclamar seu sócio honorario, pela protecção dispensada às Belas Artes, quando Ministro dos Negocios Estrangeiros; o professor Alexandre Rey Colaço;

a actriz Amélia Rey Colaço; ao todo com nomes conhecidos e respeitadas, de pessoas sobre quem se não podia lançar a minima suspeição.

¿E quem era o Sr. Simões Sobrinho? Dir-se-ia, pelo seu falar arrogante e livre, que se tratava de um artista de renome e impoluto. Não temos necessidade de recordar aqui as fontes da inspiração desse escultor (?). No entanto, se este passo sugerir objecções, provaremos até aonde poderemos levar a nossa documentada opinião.

### Uma solução conciliatória que propuzemos e foi rejeitada por conselho de Adães Bermudez

A questão trazida assim por ôles para o campo pessoal — um que nós nunca a collocáramos e de que sempre, com excepcional espirito de tolerância, a procuramos afastar, veio irritar os amigos dos empresários das Bolas Artes e originou a vergonhosa successão dos acontecimentos.

Procuramos ainda demover a Direcção. Alvitramos-lhe o seguinte:

1.º — A Direcção votava imediatamente a admissão dos sócios propostos, os quais, nos termos do art.º 12.º dos Estatutos, só, decorridos 12 meses, podiam ser considerados em plena efectividade, não influido portanto nos corpos gerentes senão na gerência de 1923;

2.º — Estes sócios organizariam dentro da sede da Sociedade, nos termos regulamentares, um grupo que executasse o seu programma, sem prejuizo dos certames normaes, nem de quaisquer outras iniciativas da Direcção.

Esta proposta significava de maneira clara que os novos se dispunham a aceitar rigorosamente o *statu quo ante* da Sociedade e apenas desejavam utilizar-se das suas salas para exposições, festas e conferências, sem o pagamento da taxa que se lança sobre estranhos, aproveitando o beneficio concedido aos sócios; e que, em troca, traziam para a Sociedade uma importante receita ordinaria — a das cotas dos propostos — e as vantagens financeiras da sua actividade.

Pois a Direcção, constituída pelos Srs. Francisco Santos, Presidente, Bemvindo Coes, Tesoureiro, Saverio Portela, Bibliotecario e seus respectivos Secretários e Vogais, declarou mais uma vez que não se pronunciava sobre a proposta e levava a admissão dos novos candidatos à Assembleia Geral — porque tal era o arguto conselho do lúcido e diligente inspirador e baluarte da reacção da Sociedade, o Senhor Adães Bermudez.

### Como nos apresentámos à Assembleia Geral

Foi convocada a Assembleia Geral para o dia 19 de Outubro de 1921. Não reuniu por falta de numero; os sócios da Sociedade, na sua grande maioria, desinteressaram-se do caso — não davam o seu apoio à Direcção, nem ao Sr. Adães Bermudez. Os proponentes dos novos dirigiram a todos os sócios da S. N. B. A., a seguinte circular:

Ex.º Sr.:

Pelo Sr. Presidente da Assembleia Geral da Sociedade Nacional de Belas Artes, foi convocada para o dia 19 de corrente uma reunião em que se devia ter apreciado a attitude da Direcção em face de mais de cem propostas de novos sócios que nós tivemos a honra de apresentar. Não houve numero e ficou essa reunião transferida para a proxima quarta-feira, 19, pelas 21 horas, na sede da Sociedade.

Como decreto já o do conhecimento de V. Ex.ª a questão que se vai debater, dispensamo-nos de invadir na sua importância para a vida da Sociedade e até para a boa harmonia dos artistas portuguezes, novos e velhos.

Ao propormos a entrada dos novos sócios confiamos na boa fé daquelles que, como nós, já pertenciam à Sociedade de Belas Artes; e porque dêles, e só dêles, depende a solução deste caso, e ainda porque muito nos interessa conhecer a opinião a voto de V. Ex.ª, tomamos a liberdade de lhe pedir que assista à reunião convocada.

Lisboa, 15 de Outubro de 1921.

(Ass.) José Pacheco, Leitão de Barros e Celestino Soares

Por intermédio dos jornais publicou-se idéntico convite (*cf. Seculo da Noite*, de 18-10-21). ¿Podíamos ter procedido com mais clareza e com maior lealdade? ¿Havia o desejo de assaltar ou de fazer pressões sobre quem quer que fosse? ¿Tinham porventura influido na nossa orientação os disturbios a que se entregavam precebedamente os circunspectos representantes da Sociedade?

Esta segunda sessão não se realizou por causa do movimento revolucionario desse dia, 19 de Outubro. Como estivesse, durante longo periodo, a cidade em estado de sitio o



COLUMBANO — O GRUPO DO "LEÃO".

Bilberto Castilho, Alberto de Oliveira, Celso Manuel, Columbano, G.ª Antonia, Brás Martins, Manoel Domingos Pinto, João Vaz, Sôcia Inês, António Bonifácio, Manoel Garcia, Rafael B. Pinheiro, José Rodrigues Vieira.







Quando recebo um volume de Espanha, advinho logo ser de Ramón Gómez de la Serna, porque la Serna publica livros todos os dias!

Ramón edita todos os dias e todos os dias envia livros para os seus camaradas de todas as partes do mundo.

Responde a todas as cartas e todas elas terminam com a mesma frase, eivada de sonho *embarcadero nel Arte*.

Ramón é o grande luctador das palavras.

Nunca, em outra literatura, appareceu um tipo de litterato que fizesse com as palavras tantos malabarismos. Na sua vasta obra, mais de cincoenta volumes, as palavras amontoam-se, caminham; vencem, atordoam-se — um carnaval de frases que é difficil emitir ou pretender reproduzir. E' vertiginoso.

Um livro de Ramón, só um, tem mais frases que a obra completa de qualquer escriptor moderno.

Domina as palavras. E' o maior domador de frases que conheço! São milhares e milhares que se amontoam em cima do papel. Os seus livros são avalanches.

Ramón é um humorista, um humorista requintado, diferente de todos os humoristas latinos.

E' um humorista transcendente. Não se pôde catalogar. E' preciso senti-lo.

Na sua obra o alegre e o grotesco misturam-se, confundem-se, acompanham-se.

Ha nela o humorismo das coisas que ele anima, dá vida, torna diferentes e desenha com um grande requinte de sensibilidade.

Cada um dos seus dedos é um clown, que ele faz viver no grande e imenso circo da vida.

Querem uma amostra! Olhem-no: o peizo mais difficil de pescar é o subão...

Quando Ramón Gómez de la Serna escreve, os seus olhos abrem o mundo e nele passam os assumptos como num film que corresse vertiginosamente num ecran de sonho.

Tudo o entretém. Tudo. Uma chaminé, uma cama, um cão embalsamado, um livro, um museu, um quarto, certo bilhete postal que viu nas mãos de um groom dum hotel, a conta da modista, o buraco da fechadura. Se quiserem, procurem na vasta obra de Ramón e encontrem tudo isto no indice dum livro e se o não quiserem fazer entrem nos *Greguerias*, abram em qualquer altura. E' um museu! Mais que uma casa bem sortida de *bric à-brac!*

Nos *Greguerias* ha tudo, tudo quanto existe á nossa volta, que é tudo quanto existe na vida.

Ramón Gómez de la Serna, é um escriptor novo dentro de uma litteratura velha.

Na rua é que parece igual aos outros, sempre com o seu eterno cachimbo e a sua cara redonda, que desmente o escriptor europeu e denuncia o espanhol.

Ramón Gómez de la Serna, tem um gabinete de trabalho — *Velazquez, 4, Madrid*. E' um complicado museu de raridades. Tem de tudo e todos os objectos expostos têm um sentido. O gabinete de Ramón é um mundo — um mundo em miniatura. Nele existem jarrões adormecidos, quadros, gravuras, anulejos, caricaturas, livros, jornaes, latas velhas, candieiros de todos os tempos, um manequim que o escriptor veste e despe todos os dias.

A um dos cantos o terrivel retrato de Viladrich, que ia originando uma conflagração europeia com sede em Madrid...

No toco um cometa e umas andorinhas de madeira. Na mesa de trabalho uma pistola velha, de cabelos brancos — uma pistola reformada e outra em uso, uma *browning* oderna.

Ramón, é um colecionador de seios temeninos.

Vede o seu livro *Seios*. Muito antes de *Victor Marguerite*, lhes attribuir forma e feição em *La Gargonne*, já Ramón Gómez de la Serna os tinha classificado, já Gómez de la Serna tinha imaginado os quadros sinopticos dos seios da mulher!

Foi Alberto Hidalgo, quem, numa admiravel orónica, publicada em Madrid, chamou a Gómez de la Serna, o unico prosador da Espanha do hoje, porque todos os outros o são do seculo passado. Fico a meditar um instante sobre esta frase e sinto que Alberto Hidalgo tem razão.

Formando na vanguarda de todos os seus contemporaneos, Ramón, é bem um escriptor de hoje, moderno e forte, que tem reduzido a vida a frases, que tem pacientemente feito a síntese da vida.

Procuo nos modernos escriptores espanhols e não encontro outro que se assemelhe a Gómez de la Serna, o reformador da litteratura latina.

Por muito exagerada que vos pareça esta observação, ela tem o seu fundamento e bastar qualquer dos seus livros, e principalmente os ultimos, para sentirmos a necessidade de o admirar.

Muitos dos novos escriptores, apparecidos aqui e noutras cidades da Europa, são discipulos de Gómez de la Serna.

Muitos dos livros que nós admiramos são feitos sobre frases de la Serna, o pontifice da frase, o filosofo sintetico das pequenas coisas que nos rodeiam.

Fico a separar a vasta obra de Gómez de la Serna e pretendo cataloga-lo nesta ou naquela escola.

Vou ás suas paginas e a minha sensibilidade discortina nestas, o filosofo, naquellas, o critico — neste livro, o jornalista.

Analiso qualquer destas personalidades o todas elas se encontram unidas e vivem intimamente.

Não sei se Ramón é um jornalista ou escriptor? Filosofo ou critico? Creio que um pouco de tudo. E' um impressionista. Os seus livros são apontamentos.

Os seus livros são impressões, detalhes, pontos fixos, pontos imoveis que os seus olhos detalham e os seus dedos, equilibristas de circo, escrevem e gravam duma maneira diferente de todos os outros.

Ramón é diferente em todos os livros — porque os seus livros são instantes.



RAMÓN GÓMEZ DE LA SERNA

Tem um grande carinho pelos cafés, porque nos cafés existem as unicas associações em que o homem é igual ao homem, livre de todos os preconceitos, de todos os dogmatismos e oligarquias. As grandes cidades veem-se melhor através dos seus cafés.

Silhuetado o perfil raro do escriptor, estudemos a sua obra.

Os seus primeiros livros são folhas soltas, cartazes, gritos, alaridos que espantam os ultimos escriptores do novecentos.

Os meios litterarios, os academicos, os cafés, desequilibram-se, caem em si.

Originam uma revolução e o nome do escriptor é pronunciado com medo e inquietação. Os jornaes guilhotinam-o com os seus ataques.

E' o precursor dos dadaístas e ultraístas.

E' o precursor do modernismo. Marinetti dedica-lhe o manifesto á Espanha, quando a Espanha não contava litterariamente na Europa.

Estamos em 904. As suas folhas intitulam-se, *Entrando en fuego*. Produzem o efeito dum incendio.

Já em 904, quando *Pedro Salazar* com as lujaras comuns do romantismo piégas, á Espanha, é preciso não esquecer-lo, possuía o revolucionario do *Entrando en fuego*...

Calculem voçes, que estão habituados a ler nalgumas gazetas de Lisboa, ainda hoje, ataques aos modernistas, o que teria sido o aparecimento de Ramón em Espanha.

Todos o mordem. Muitos dos seus amigos intimos recusam-lhe a mão. E' considerado na roda dos escriptores

pacatos e ranceiros, um louco — um louco perigoso que pretende transformar dum salto a litteratura folhetinesca do seculo passado...

Seguem *Morbideces* (1907), *El libro mudo*, *Tipicos*, *El teatro en soledad*. São livros que têm mais gestos que idéias, mais gritos que frases. Revolucionam e somem-se.

Atormentam, affligem, são cartazes berrantes, saltos de morte, em que o escriptor é um clown.

O artista encarrega-se da sua propaganda. Oferece-os, envia-os para a Europa. Os modernistas surgem e pegam-se a ele, imitam-no. Os seus livros são sementes.

Tem uma lucra gigantesca, porque os jornaes apogados a velhas e tradicionais formulas não lhe anunciam os livros. Adormecem sobre as mesas das redações. Ha quem os não abra, receosos de encontrarem dentro das suas paginas bombas de dinamite.

Ramón, abre a floresta virgem do romantismo, a golpes de machado.

Depois mais livros...

*Estudio del desnudo*, em que firma o seu nome e obriga os criticos espanhols, entre elle *Rafael Canino Asteu*, a aplaudi-lo e a vigia-lo.

Os jornaes que o combatem podem-lhe colaboração para que os seus leitores se divertam com o louco, para que riem. *Canino Asteu* escreve:

*Os invito a que leais de nuevo estas admirables paginas.*

E' um livro formidavel. Nenhum escriptor, habituado á forma, seria capaz de o escrever ou sentir.

Ramón Gómez de la Serna, ergota o nú. As suas mãos de artista tallam paginas duma beleza tão grande, que os outros, são obrigados a senti-lo, a vê-lo. Pobres miopes.

A partir deste livro que o consagra, Ramón, apesar de recebido sempre com desconfiança, é considerado um escriptor. Os editores programam-no e pagam-lhe as obras. O publico compra. Os jornaes, penitenciando-se, publicam-lhe o retrato.

E' o seu primeiro triunfo. Os cenáculos abrem-lhe as portas.

Seguem-se, *Seios*, *El Circo*, *Greguerias*, *Mustrario*, o livro de que o escriptor mais gosta.

Entrevistado por um jornalista, comenta a sua entrada violenta nas letras.

— Sofri muito. Quando comeci a escrever, travei luctas atrozes, sanguinolentas. Os escriptores daquele tempo lançaram sobre mim o odio do publico. Fecharam-me todas as portas. Insultaram-me anonimamente. Caluniaram-me. Alcanharam-me do doído.

Depois plagiaram-me e porque tinham todos os jornaes pelo seu lado e eu só podia publicar uma vez por ano, a lucra foi gigantesca. O publico poderis imaginar que era ou quem os imitava e isso fazia-me sofrer horrivelmente!...

Felizmente... *José Ortega y Gasset*, um dos poucos homens de valor intrinseco que existe em Espanha é uma das glorias da Europa, consagra-o e escreve:

— Gómez de la Serna es uno de los pocos escriptores jóvenes a quienes se debe saludar con el sombrero en la mano.

O triunfo. Dahi por deante, o escriptor, podia atirar os piores livros ao mercado, representar os mais horribes dramas, assignar os mais estupidos artigos, entrar na real Academia, que tudo era igual.

*Ortega y Gasset* e *Azoris*, dois dos escriptores mais queridos da Espanha, tinham-lhe aberto o caminho da gloria, dando-lhe plena liberdade de ação, consagrando os seus livros.

O escriptor tinha obtido o meio de triunfar definitivamente; ser lido.



VAZQUEZ DIAS — Apertando para um quadro

As *Greguerias*, descobrem em Ramón, o filosofo individualista, o humorista transcendente.

Gómez de la Serna, que nas *Morbideces* se retrata um escriptor dissolvente, aristocratico e anarquista, colado a *Stierne* e a *Nietzsche*, que conhece e sente toda a tragédia da vida e que proclama que de toda a actual litteratura espanhola só ficarão algumas paginas de *Azoris*, regressa neste seu livro e anuncia a grandeza do cahos.

Igual a *Pío Baroja* e *Azoris*, inicia a sua carreira combatendo a litteratura e reduzindo o seculo XIX a um monturo de cinzas.

Ramón Gómez de la Serna, lembra *Unamuno*, *el gran D. Miguel*, que foi e é um apaixonado cultor do paradoxo. Os seus primeiros livros, ficam distantes, o humorista subjugou o nihilista litterario.

Segue-se o periodo criador. *El labirinto*, *La utopia* são dois documentos dessa epoca.

Em 1915 faz nova edição das *Greguerias*, livro síntese, notavel pela diversidade de estilo — o que melhor define a nossa epoca, violenta, movimentada, cinematografica.

Este livro marca a mais forte expressão do impressionismo.

Uma *gregueria* é um palco, passa nela toda a vida. Os dramas reduzem-se a manchas; os grandes movimentos da alma a simples traços. Duram um minuto em cada labio — um segundo em cada cerebro.

Definir a *gregueria*? Sim. Uma palavra e um gesto, breve e rapido, entro a vida e a morte.

A *Gregueria* é o instante. A nenhum outro escriptor conhecido fica melhor aquela frase lapidar, aquela frase síntese do primeiro escriptor modernista portuguez, que a morte colhou, *Mario de Sá Carneiro* — o fixador de instantes.

E' um afixador de cartazes! Sim. Mas acima do tudo, o fixador de instantes!

Seguem-se mais livros, *El doctor inverosimil*, *La viuda Blanca y Negra*, *Pombó*, *El Alba*, *Exhumación de Oscar Wilde*, *El chalet de las Rosas*, *La malicia de las acacias*, *Cinelandia*.

*La viuda Blanca y Negra*, ofereça-lhe Paris... Neste momento, Gómez de la Serna, traduzido em francez, atravessa todos os paises latinos.



# Bolachas Nacional

**A GRANDE  
MARCA  
PORTUGUÊSA**



**A GRANDE MARCA  
DE  
AUTOMOVEIS**

# FIAT

Representante  
para Portugal e Colonias:  
**SOCIEDADE  
COMERCIAL  
LUSO-AMERICANA**

145, RUA DA PRATA, 145  
**LISBOA**



**SÃO PORTUGUESES  
OS CHOCOLATES  
DA  
FABRICA  
SUISSA**